

EPILEPSIA E DEPRESSÃO: FATORES NEUROPSICOLÓGICOS E SOCIAIS

Congresso On-line de Neurocirurgia e Neurologia, 1ª edição, de 14/12/2020 a 18/12/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-22-8

TEIXEIRA; Mariana Marques¹, SILVA; Chrystianne Ferreira DA², FERREIRA; Aline Boaventura³, VIEIRA; Renata Do Couto Gontijo De Deus⁴

RESUMO

Introdução: As primeiras referências sobre epilepsia surgiram em torno do ano 2000 a.C. na antiga Babilônia, atribuindo à epilepsia caráter mágico e sagrado, pois acreditava-se que ela era a manifestação de espíritos do mal ou a expressão do descontentamento divino. A imprevisibilidade das crises, o controle ineficaz e o comportamento durante e após uma crise, podem causar um sentimento de culpa, vergonha e dependência, levando as pessoas com epilepsia ao isolamento social, o qual reforça o estigma social construído historicamente em torno da doença. Mesmo após a concretização dos conhecimentos anatomopatológicos, eletrofisiológicos e neuropsicológicos sobre a doença, aproximadamente 30% dos pacientes não respondem a terapêutica, tornando-se refratários ao tratamento e mais vulneráveis a transtornos depressivos. Apesar da associação epilepsia-depressão já ser bastante documentada, observa-se na prática clínica uma demora injustificável em tratar o transtorno de humor nos indivíduos portadores de epilepsia. **Objetivos:** Revisar na literatura científica a relação entre epilepsia e depressão, evidenciando a importância da abordagem sobre os aspectos sociais e emocionais relacionados doença, os quais possuem impacto direto na qualidade de vida desses pacientes.

Material & Métodos: Buscamos os descritores “epilepsia”, “depressão” e “estigma social” nos bancos de dados bibliográficos Medline, Embase, LILACS e SciELO, além de documentos oficiais. **Resultados e Discussão:** Entende-se que o impacto da epilepsia não é determinado apenas pelos aspectos clínicos e gravidade das crises, mas também por fatores psicológicos e sociais. Estudos apontam que a exposição dos pacientes a situações desconfortáveis e mal compreendidas pela população, podem desencadear reações negativas e preconceituosas por parte daqueles que a presenciaram ou convivem com essas pessoas. Esses fatos fortalecem os vários estudos que mostram que a prevalência de transtornos depressivos nesses pacientes é significativa, variando entre 15% e 60%, cerca de 17 vezes maior que na população geral. Também é importante considerar que a depressão e epilepsia podem compartilhar mecanismos patogênicos. É frequentemente possível encontrar concordância cronológica entre um episódio depressivo e a primeira crise epilética. A diminuição da função noradrenérgica, GABAérgica e serotoninérgica são identificados como fundamentais nos mecanismos patogênicos da depressão, e a diminuição desses fatores e consequentemente das suas ações, são apontadas como facilitadoras do processo de crises epiléticas, exacerbando a predisposição às crises. Assim, os fármacos utilizados para epilepsia podem ter efeito negativo direto no humor. Da mesma forma, há suspeitas de que o uso de medicações antidepressivas pode exercer influência na diminuição do limiar convulsivo. Porém, de forma geral, o uso de antidepressivos quando utilizados na dosagem recomendada, tem pouca chance de produzir ou exacerbar crises, e a introdução gradual das drogas antiepiléticas parece ser capaz de prevenir a piora do humor. **Conclusão:** Conclui-se que existe uma relação direta e indireta entre epilepsia e depressão. Portanto, deve-se valorizar a importância de avaliações e intervenções precoces que incidam sobre os aspectos neuropsicológicos envolvidos na qualidade de vida desses pacientes, além de reforçar a necessidade de orientação contínua da população sobre a doença, buscando diminuir os estigmas sociais que ainda prevalecem.

¹ Faculdade Alfredo Nasser, med.marianamarques@gmail.com

² Faculdade Alfredo Nasser, chrystianneavlis@gmail.com

³ Faculdade Alfredo Nasser, alinemedbf@gmail.com

⁴ Faculdade Alfredo Nasser, renatavieira0201@gmail.com

